Aqui ficamos...
Como se vinte impossíveis somos...
Em Al-Lid, Ar-Ramleh e a Galiléia...

Aqui Ficamos, de Tawfiq Ziad

MEMO
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Dia da Terra

Abdullah Omar

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Dia da Terra
Imagem de capa: Dia da Terra, 1976

Publicado em março de 2022.
© Editora MEMO 2022
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.

MEMO EDITORA

Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

Dia da Terra

Abdullah Omar

Jornalista e crítico palestino, nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.

Nesta terra o que vale a pena viver...
Nesta terra a senhora da terra...
A mãe dos começos... a mãe dos finais
Chamava-se Palestina...
E continua a chamar-se Palestina...

Nesta terra, o que vale a pena viver
de Mahmoud Darwish

O dia 30 de março de cada ano coincide com a memória do Dia da Terra Eterna, o dia em que as massas palestinas celebram em todos os seus lugares de existência, com uma greve geral e atividades populares para enfatizar o direito do povo palestino, o apego à sua pátria, terra e identidade diante de uma ocupação que não poupa esforços ou meios para extrair esse povo de sua terra e a terra de seus proprietários. É o dia em que os árabes palestinos nas áreas ocupadas de 1948 se levantaram contra as medidas arbitrárias das autoridades de ocupação israelenses destinadas a confiscar suas terras na região da Galiléia no contexto do plano israelense de colonizá-las e judaizá-las, dispersando o maior ajuntamento de palestinos nas terras de 1948 para enfraquecer sua luta, comunicação e força.

Esses eventos foram o primeiro levante do povo palestino dentro das terras de 1948, por isso encontraram grande apoio e impulso dos palestinos e árabes. Essa centelha que começou há quarenta e seis anos continua até hoje, enquanto a ocupação continua confiscando terras e pratica suas políticas racistas de assassinato e terrorismo contra o povo palestino visando mantê-los longe de sua terra e pátria. Este dia tornou-se uma ocasião nacional palestina. Desde 1976, os palestinos revivem o Dia da Terra, em 30 de março de cada ano, para enfatizar sua adesão à sua terra. O Dia da Terra é considerado o dia de luta mais importante que os palestinos de 1948 travaram, um marco em sua história desde os acontecimentos da Nakba, em termos de seu caminho de sobrevivência, filiação, identidade e relações gerais de seus irmãos palestinos e árabes com o estado da entidade sionista. Apesar de as autoridades israelenses realizarem atos de deslocamento e limpeza étnica, cerca de 150.000 palestinos permaneceram nas terras de 48, que possuíam cerca de dois milhões de hectares, e logo a cidadania israelense e as carteiras de identidade foram impostas a eles, chegando ao seu clímax no início de 1976.

Os palestinos da Galiléia perceberam as dimensões desse esquema e seu perigo para sua presença em sua terra e a preservação de sua identidade árabe e, por isso, se uniram em uma revolta popular massiva que se transformou em confrontos com as forças de ocupação em meio a uma greve geral. Os confrontos resultaram na morte de seis mártires por balas de soldados inimigos, mas o povo palestino conseguiu, por sua unidade, seus sacrifícios e determinação em frustrar o esquema de assentamento judaizante para a Galiléia Palestina ocupada, provar que preservar a terra Palestina exige luta e sacrifícios, e que o inimigo não pode ser dissuadido ou forçado a recuar de seus planos expansionistas, a menos que enfrente uma forte resistência e o apoio popular difícil de quebrar.

Contexto histórico

No pano de fundo dos acontecimentos do Dia da Terra, a situação palestina geral estava em um estado de grande expansão da luta nacional como resultado do desejo do povo palestino de preservar sua terra e identidade, além do crescimento da segunda geração de jovens que não foram afetados pelo trauma da Nakba de 1948, como confirmado por vários historiadores que buscam as raízes desse renascimento das cinzas e do duplo cerco imposto pelo sionismo aos palestinos dentro do mundo árabe.

Na noite do primeiro Dia da Terra, manifestações populares denunciando o confisco ocorreram na área de Al-Battouf (Sakhnin, Araba e Deir Hanna), nas quais os palestinos desafiaram a entidade sionista e seu poder. Na tentativa de extinguir o fogo em seu início, esses eventos foram

recebidos com força, violência, choque e intimidação. As autoridades israelenses empurraram o exército para junto da polícia, e então atiraram contra os manifestantes, e o jovem Khair Eddin Yassin de Arraba foi martirizado. Assim que a notícia de sua morte se espalhou na manhã de 30 de março, as massas palestinas explodiram de raiva e protesto nas marchas e confrontos, e outros cinco foram martirizados (Mohsen Taha de Kafr Kanna, Khadija Qassem Shawahneh, Raja Abu Raya e Khader Khalileh de Sakhnin, Raafat Ali Zuhairi do campo de Nur Shamsna cidade de Taybeh) e centenas foram feridos por balas e cassetetes.

Mártires do Dia da Terra

Nome	Idade	Dia do óbito	Local
Khadija Shawahneh	23	30 de março de 1976	Sakhnin
Khair Yassin	23	29 de março de 1976	Arraba
Raja Abu Raya	23	30 de março de 1976	Sakhnin
Khader Khalileh	27	30 de março de 1976	Sakhnin
Mohsen Taha	15	30 de março de 1976	Kafr Kanna
Raafat Zuhairi	20	30 de março de 1976	Nur Shams, Tayibeh

Naquela época, as autoridades israelenses tentavam dar status legal às operações de expropriação com base em leis de emergência conhecidas como assentamento, fechamento, terreno baldio e outras leis. A Lei de Ratificação de Procedimentos e Compensação foi promulgada em 1953 com a mesma finalidade, segundo dados do Comitê de Defesa da Terra. Israel confiscou cerca de um milhão e meio de dunams (ou de quilômetros quadrados, aproximadamente) excluindo a região do Naqab, das terras dos árabes. Então apenas cerca de meio milhão de dunams permaneceu na posse dos palestinos, e isso não inclui, é claro, milhões de dunams de propriedades ausentes e terras Jiftlik. Estas eram as áreas registradas em nome do “Alto Comissário” desde a época do Mandato Inglês.

E o desenvolvimento não passava de um objetivo declarado para encobrir os reais objetivos sionistas ligados à implementação continuada da ideia do Estado judeu, a judaização da Galiléia e asfixia aos palestinos de 48 a para preservar o equilíbrio demográfico que o movimento sionista e as autoridades israelenses buscavam consagrar em favor de uma maioria judaica estável e absoluta.

Por outro lado, Israel ansiava por eliminar a entidade nacional de cidadãos árabes e se certificar de tratá-los apenas como seitas religiosas, por isso confiscou cerca de 70% das terras que eles possuíam de 1948 a 1976, especialmente após as leis restritivas de 1968.

Não há dúvida de que o Dia da Terra trouxe uma mudança radical e importante na modificação da visão do mundo árabe, que ignorou os palestinos de 1948, enquanto os tratou com desconfiança, suspeita e desprezo, na medida em que foram considerados traidores e que se integraram à sociedade israelense e se tornaram cidadãos até que esse tratamento começou a mudar e abriu muitas portas árabes nos níveis oficial e popular diante dos palestinos de 48 após aquele dia marcante de luta.

Vale ressaltar que desde 1976 até 1982, os palestinos de 1948 marcaram o Dia da Terra anual silenciosamente e sem greves, e desde 1982 até hoje, o aniversário variou entre uma greve geral e confrontos, e algumas atividades que se limitavam principalmente ao discurso em festivais em Naqab e na Galiléia, ou com plantio de oliveiras para proteção da terra.

Por muitos anos, o Dia da Terra não foi apenas uma ocasião para o povo dos territórios ocupados em 1948, da Galileia ao Naqab, rejeitar a tomada do inimigo das terras de várias aldeias árabes na Galileia. A ocasião tornou-se um momento para galvanizar os palestinos em todas as áreas dentro da Palestina ocupada, bem como a diáspora. Embora o traço geral da comemoração deste dia seja representado por marchas populares e confrontos, Gaza constitui um caso único, depois de ter mudado as táticas adotadas, especialmente por ter sido palco de um confronto militar há mais de duas décadas, e por explorar o impulso popular e da mídia para organizar as grandes Marchas do Retorno, que colocaram a entidade sionista em uma posição embaraçosa perante o mundo e enfatizaram que os palestinos se apegam cada vez mais à sua terra com o passar do tempo.

A ligação orgânica entre o povo palestino e a terra

Em seu livro Dia da Terra, entre a nacionalidade e a cidadania – Processo e Transformação, Nabih Bashir diz que este evento constituiu um eixo central e um eixo essencial no desenvolvimento da consciência coletiva da sociedade palestina e na relação desta sociedade com o estado israelense. O Dia da Terra permaneceu como um dia nacional que nutre e reaviva a memória coletiva palestina. Segundo Bashir, o Dia da Terra não é importante apenas porque é um dia de desafio à autoridade usurpada, mas também porque gira em torno do elemento mais importante da existência palestina histórica, humana e civilizacional, que é a relação orgânica entre os povos e a terra.

Por sua vez, o historiador palestino Mustafa Kabha acredita que o Dia da Terra veio como um episódio importante da luta nacional palestina que começou no início dos anos 20, desde o levante do sheikh Shaker Abu Kishk contra a imigração judaica em Jaffa e arredores, e então a revolução do al-Buraq, a revolução do Sheikh Izz al-Din al-Qassam (1935 -1936) e outras.

Mustafa Kabha considera o Dia da Terra um marco na história do povo palestino nos territórios de 1948, pois suas greves e manifestações contribuíram muito para deter os esquemas de confisco de terras, e também trouxeram o clamor dos palestinos dentro de toda a Palestina e no exterior, para recolocá-los no mapa de lutas depois de sofrerem opiniões preconcebidas sobre sua integração à realidade da ocupação, considerando também que os eventos do Dia da Terra foram uma grande expressão da luta pela terra e pelo espaço espacial.

Não há dúvida de que o confisco de terras palestinas e a deportação de agricultores de suas terras começaram no final do século XIX e bem antes da Nakba, e com a sucessão de eventos, o Dia da Terra passou a constituir uma importante encruzilhada para deter essa política. Sendo o confisco de terras um dos mais proeminentes padrões de discriminação praticados por Israel contra os palestinos, motivo principal para a formação das primeiras organizações de resistência às políticas de ocupação, o que levou às manifestações do Dia da Terra e outras estações de resistência mais tarde porque as autoridades de ocupação se basearam, ao confiscar grandes áreas de terras palestinas, em leis e regulamentos vários, alguns dos quais foram herdados das autoridades do Mandato Britânico, e essas leis permitiram que a entidade sionista confiscasse terras pessoais por razões de segurança ou sob a pretexto de servir ao interesse público, sem dar ao proprietário da terra o direito de impedir o seu confisco.

Portanto, as manifestações do Dia da Terra são uma extensão natural do principal conflito entre os palestinos e a ocupação, que é “a terra”, que foi o núcleo da maioria dos confrontos sangrentos entre os palestinos em 1948 e a entidade sionista, pois ocorreu mais tarde nos confrontos das terras de Al-Rawha no outono de 1998, e os confrontos de Umm Al-Sahali em 1999, e como é em essência, também na Cisjordânia e em Jerusalém, e mais tarde nos conflitos de Al-Quds e Al-Aqsa Intifada em 2000.

O que está acontecendo hoje na implementação em pleno andamento de todos esses planos e projetos confirma o esforço da ocupação para transformar Jerusalém e todas as terras de 1948 em uma terra de maioria judaica e minoria árabe. Claro, tudo isso acontece em meio a dezenas de leis racistas que foram aprovadas no Knesset sionista contra os árabes palestinos nos territórios ocupados em 1948, que incitam sua expulsão e deslocamento para países árabes.

No entanto, apesar de todos estes perigos e desta má realidade, o povo palestino recusou-se a render-se e a aceitar o facto consumado, e decidiu reerguer-se e desencadear várias revoltas que continuam até agora, revoltas em que a juventude palestina usa tudo o que têm que resistir aos soldados e colonos inimigos, o que levou a dar um forte golpe no sistema de segurança sionista e a mergulhar a entidade israelense em uma guerra de desgaste que deixou seus líderes e suas agências de segurança e militares em estado de confusão como um resultado da sua incapacidade de parar as operações ou conhecer as partes por trás delas. Isso aumentou a confusão da entidade de segurança e militar e, apesar do fato de que essas revoltas foram descritas como pequenas e muitos esperavam um fim para elas, surpreenderam a todos com a continuidade e a escalada de suas operações.

Independentemente de haver ou não uma nova liderança por trás dessas revoltas, o que é claro e decisivo é que o povo palestino decidiu tomar as rédeas em suas próprias mãos e não se acomodar e se desesperar com a deterioração da realidade árabe. O povo palestino não tem escolha a não ser intensificar sua luta para preservar sua terra, suas santidades e sua identidade árabe. Essa é a essência da batalha, e permanecerá até que a Palestina volte a ser livre e árabe.

Transformação demográfica e geográfica forçada na Palestina

Desde o início, a batalha foi entre os palestinos e a entidade sionista por terra e população, e o principal objetivo,primeiro do movimento sionista, e depois de Israel, era tomar a maior área possível da terra da Palestina e colonizá-la com o maior número possível de colonos judeus vindos em sucessivas levas de imigrantes. O mais importante para monitorar a extensão do sucesso do sionismo em seu projeto colonial na Palestina se resume na porcentagem de terras que conquistou desde o início de sua atividade, e até que ponto conseguiu atrair imigrantes judeus e seu sucesso em absorvê-los e estabelecê-los na Palestina.

Com base nisso, os fatores geográficos (terrestres) e demográficos têm a última palavra na luta que o sionismo está travando na Palestina, e quais são as práticas israelenses no terreno representadas no deslocamento forçado de palestinos de suas aldeias e cidades e na expropriação da terra de seus proprietários originais e controlá-la por todos os meios e métodos, pois os judeus só podem declarar seu estado após a conclusão de um número suficiente de imigrantes para a Palestina, e a partir daqui começou a batalha no terreno, e em seu fim tomou a forma do conflito geográfico e demográfico.

Estudos e pesquisas que tratam do movimento demográfico do povo palestino são considerados entre os mais importantes devido à realidade demográfica que está ligada à realidade política em que o povo palestino foi submetido ao extermínio e ao deslocamento e de acordo com as ambições judaicas na Palestina, que se concentrou principalmente nas tentativas implacáveis de criar uma presença judaica forçada ali, e consequentemente o desenvolvimento demográfico e social do povo palestino testemunhou tendências anormais, como o fator da imigração judaica para a Palestina e a expulsão dos proprietários árabes originais de sua terra natal um impacto direto sobre esses desenvolvimentos.

Quando a Declaração Balfour foi emitida em 1917, a Palestina foi colocada sob o Mandato Britânico de 1918 até 1948, quando foram fornecidas as facilidades necessárias para estabelecer um lar nacional para os judeus na Palestina. O afluxo de judeus começou aos milhares, e seu número subiu de cerca de dez mil pessoas em meados do século XIX para aproximadamente 62,5 mil pessoas no início do Mandato Britânico, e para aproximadamente seiscentas e cinquenta mil pessoas no final do mandato mencionado em 1948, e assim a proporção de judeus para a população total da Palestina de 8,3% em 1919 para 31,5% em 15 de maio de 1948.

Os primórdios da mudança demográfica na Palestina

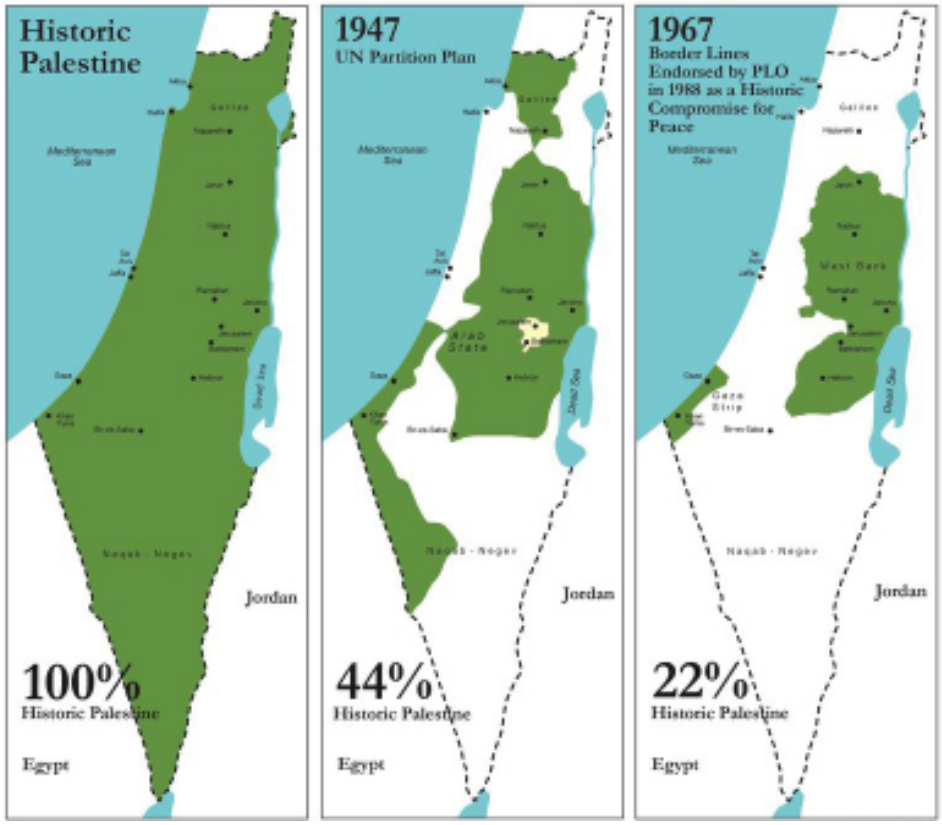
A primeira estimativa da população da Palestina no século XX foi durante o período do domínio otomano, conforme anunciado em 1914, ano em que eclodiu a Primeira Guerra Mundial. A população da Palestina foi estimada em 689.275, dos quais 8% eram judeus. Após a sujeição da Palestina ao Mandato Britânico, a população da Palestina, segundo a estimativa oficial, chegou a 673.000, incluindo 521.000 muçulmanos, 67.000 judeus, 78.000 cristãos e 7.000 outras seitas. dividido em três áreas geográficas:

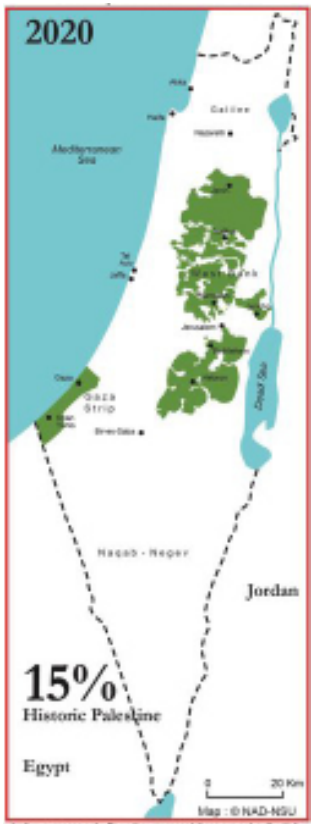
1. As terras ocupadas pelos judeus após a Nakba em 1948, que ocupou 76,7% da área da Palestina.
2. A Cisjordânia, que ocupa 22% da área da Palestina.
3. A Faixa de Gaza ocupa 1,3% da área da Palestina.

E a entidade sionista não estava convencida de que o território de seu estado permanecesse nas terras de 1948, mas eles realizaram a agressão nas terras da Cisjordânia e da Faixa de Gaza no ano de 1967, e as ocuparam, e assim todos da Palestina ficaram sob controle judaico e, como resultado dessa nova agressão, muitos moradores foram deslocados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, e a população da Cisjordânia diminuiu para 581.700 pessoas, e a população da Faixa de Gaza diminuiu para 937,6 mil.

Em 1998, a população total nas terras da Palestina histórica atingiu 8,09 milhões, dos quais 5,50 milhões eram residentes do estado da entidade sionista, ou cerca de 67,9% deles, cerca de 17% dos palestinos, ou o que eles chamam de palestinos do interior (48), e o restante dos palestinos, ou 32,1% do total, 1.596.442 deles residem na Cisjordânia e cerca de 1.000.175 milhões na Faixa de Gaza. Durante os últimos onze anos, Israel conseguiu manter o equilíbrio demográfico a seu favor, apesar da alta taxa de crescimento populacional do lado palestino, isso se deve às sucessivas ondas de imigração judaica nesses anos.

Esses números foram retirados do website da agência de notícias Wafa.





As concessões históricas da Palestina

1. Palestina histórica (100%)
2. 1947 — Plano de Partilha da Organização das Nações Unidas (44%)
3. 1967— Fronteiras aceitas pela OLP em 1988 como concessão histórica em nome da 'paz' (22%)
4. 2020 — Plano do Século, proposta do então Presidente dos EUA Donald Trump (15%)

Os métodos para mudar à força o equilíbrio demográfico na Palestina em 1948

Através do slogan levantado pelo movimento sionista, que clama pelo estabelecimento de um lar nacional para os judeus na terra da Palestina, que eles consideravam (uma terra sem povo para um povo sem terra), fica claro que oobjetivo dos sionistas foi desde o início mostrar a Palestina como uma terra sem população e sem povo que a habitasse, e seus objetivos estavam cristalizados na liquidação e extermínio do povo palestino, usando muitos métodos, todos os quais levam a uma política unificada, a saber a política de deslocamento, que é um processo deliberado que visa

expulsar a população indígena para ser substituída por outros moradores, pois é o processo de substituição de uma população por outros moradores. Vários métodos e formas foram usados para pressionar os palestinos a deixarem suas aldeias e cidades por meio de massacres, sendo o mais famoso o massacre de Deir Yassin, com o objetivo de alcançar uma nova realidade demográfica dentro da Palestina que fosse a favor dos judeus usurpados. 5 massacres foram registrados no centro, 5 no Sul e 24 massacres na Galiléia.

No período antes de os sionistas declararem seu estado em 1948, e também depois disso, as gangues sionistas realizaram uma série de massacres, além de adotar o método de deportação em massa, a fim de completar os objetivos que eles estabeleceram para criar uma nova realidade demográfica destinada a criar uma maioria judaica na terra da Palestina. Exemplos disso são:

1. As autoridades israelenses expulsaram muitos moradores de Al-Majdal, Al-Khassas, Askalan, Al-Ja'una e dezenas de aldeias vizinhas.
2. As autoridades israelenses expulsaram os moradores de 13 aldeias da Nazaré em 1951.
3. Após a sua criação, a entidade sionista destruiu 478 aldeias de 585 aldeias árabes.
4. As autoridades israelenses destruíram 135 aldeias na Galiléia de 210 aldeias e deslocaram seus moradores.
5. Imediatamente após seu estabelecimento, as autoridades israelenses expulsaram 35.000 moradores palestinos do Naqab para a Jordânia e o Sinai.

Efeitos geográficos e demográficos das práticas sionistas

Como resultado das práticas sionistas, a porcentagem da população palestina nos territórios de 1948 diminuiu de 52% imediatamente após o estabelecimento de Israel para 17,9% em 1949 e 12,9% em 1950. Após a guerra de 1967, a questão foi diferente. O objetivo desta guerra era tomar o restante da terra da Palestina, que as autoridades sionistas não puderam controlar nos primeiros anos após declarar seu estado, e esta guerra resultou no deslocamento de aproximadamente 400.000 palestinos da Cisjordânia e cerca de 50.000 da Faixa de Gaza, e o processo de deslocamento continuou depois disso entre o final de 1967 e 1979 O número de deslocados e deslocados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza atingiu cerca de 354.000, com uma taxa anual de 29.500 Palestinos.

Do exposto, fica claro para nós que o deslocamento de palestinos não foi uma migração voluntária, mas sim uma política seguida pelas autoridades israelenses para alcançar a maioria e uma superioridade demográfica forçada e anormal na Palestina. Ao longo de 74 anos de ocupação israelense da terra da Palestina, a geografia nela foi submetida a mudanças, sejam cidades, vilarejos, bairros e ruas, a uma mudança sistemática dos nomes palestinos originais para hebraico israelense, e o projeto de judaização da Palestina ainda está em andamento.

Mudanças regionais e internacionais

A comemoração do Dia da Terra este ano vem à luz de desenvolvimentos perigosos que exigem que o povo palestino intensifique sua luta nacional confiando em si mesmo sem esperar o apoio de ninguém. Esses desenvolvimentos são os seguintes:

1. A intensificação do ataque aos assentamentos nas terras palestinas: o ataque feroz dos assentamentos às terras palestinas e aos locais sagrados se intensificou no contexto de um processo acelerado de imposição de um fato consumado destinado a judaizar a maior porcentagem da terra em preparação para a declaração do Estados judeus na terra da Palestina histórica, e transformando a presença palestina nela em uma mera minoria vivendo em áreas isoladas. Cercados por assentamentos e estradas só podem ser autogovernados sob a soberania israelense, o que torna o conflito uma luta entre os povos indígenas do país e do Estado judeu racista baseado na discriminação e opressão dos árabes palestinos que são os verdadeiros donos da terra.

2. A fraqueza da nação árabe: Os países árabes ainda estão em declínio permanente, tanto estados quanto povos. A maioria deles está preocupada com conflitos internos que tornaram a questão da Palestina distante de seus interesses, e não incluída na sua agenda. Isso proporcionou a oportunidade para o governo israelense persistir na implementação de seus planos expansionistas em terras palestinas e trabalhar para completar a liquidação da causa palestina com base no alcance dos objetivos completos do projeto sionista.

3. Normalização árabe com a entidade sionista: Acordos e tratados entre a entidade sionista e os países árabes continuaram, com muitos países árabes entrando na lista de países de normalização e traindo a causa palestina. Desde que o Egito deu as costas à causa palestina no final dos anos setenta do século passado ao assinar o acordo de Camp David, e a Organização para a Libertação da Palestina e a Jordânia se juntaram a ele no início dos anos noventa do século passado, nenhum regime árabe normalizou publicamente relações com a entidade sionista. Mas nos últimos anos muitos países árabes normalizaram as relações oficiais com essa entidade e abriram consulados, escritórios comerciais e de segurança sob o lema da convivência e da paz, como aconteceu nos países do Golfo e em alguns países do norte da África.

4. Ausência de Legitimidade Palestina: Desde que a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) reconheceu o estado da entidade sionista em 1988, rejeitou a resistência e entrou no túnel escuro da normalização, a arena palestina foi muito dividida porque a maioria do povo palestino se recusa a reconhecer esta entidade e sua legitimidade. Esta divisão levou à ausência de um quadro de libertação nacional capaz de organizar e liderar um movimento de luta O povo palestino está enfrentando a ocupação e seus esquemas, e basta dizer que a arena palestina vem sofrendo de um vácuo constitucional desde 2009. Não há legitimidade para um presidente ou um governo depois que o papel do Conselho Legislativo Palestino foi interrompido e a raiva popular cresceu pelo grande número de casos de corrupção, abuso de poder e cooperação de segurança com a entidade sionista claramente.

5. A guerra na Europa entre o Ocidente e a Rússia: pode ser muito cedo para julgar a guerra na Europa entre o Ocidente e a Rússia, mas a história nos ensinou que o poder não dura para ninguém e que os países e impérios enfraquecem e desaparecem com a passagem do tempo. O fato de os Estados Unidos da América serem a única superpotência prejudicou o equilíbrio do mundo em geral e a causa palestina em particular. Os Estados Unidos nunca deixaram de apoiar essa entidade sionista, seja fornecendo dinheiro e armas qualitativas avançadas para que ela permaneça superior na região do Oriente Médio ou através da cobertura política que lhe dá nas instituições internacionais para continuar na política de confisco de terras, limpeza étnica, assassinato, demolição de casas e deportação forçada de palestinos sem consequências legais. Portanto, é necessário tirar uma lição, pensar logicamente e explorar todas as novas condições internacionais que esta guerra produzirá em benefício da causa palestina.

Dia da Terra na memória dos jovens após quatro décadas e meia

"Os velhos morrerão e os jovens esquecerão." Esta é uma frase lançada pelo fundador e primeiro primeiro-ministro da entidade sionista, Ben Gurion, e adotada pelo mais famoso ministro das Relações Exteriores dos EUA na época da Guerra Fria, John Foster Dulles. Muitos políticos europeus, americanos e internacionais seguiram sua abordagem para evitar as repercussões da causa palestina,ignorando especialmente a questão da terra e dos refugiados. E agora que estamos nos aproximando do septuagésimo quarto aniversário da Nakba palestina, os palestinos ainda estão firmes em sua terra, lutando como as ondas do mar, onde uma onda que dá origem a outra para chegar à margem de segurança, e estão desafiando todas as conspirações internacionais para legitimar a entidade sionista usurpadora.

É verdade que os velhos morrem, então esta é a vida, mas as mentes dos sionistas não perceberam que esses velhos assumiram a promessa de plantar o amor da Palestina no coração de seus filhos e netos, e ensinaram-lhes que não importa quanto tempo passe, a verdade voltará aos seus donos e a terra voltará ao seu povo. A Palestina ficou nos corações e nas mentes com sua geografia. Em suas cidades e aldeias, em suas montanhas e planícies, permaneceu a verdade absoluta de que o direito não vai se perder enquanto houver um palestino vivendo neste mundo. O Dia da Terra ainda está firmemente enraizado na mente da juventude palestina vivendo nos territórios de 1948 porque seu nome está associado às histórias de luta pela terra e à insistência em obter direitos. No aniversário do Dia da Terra no ano passado, o site Arab 48 entrevistou vários jovens para descobrir o que o Dia da Terra representa para eles, e eu quero colocá-los aqui para provar que as novas gerações são criadas com o amor da terra e a luta pela sua libertação:

Muhammad Miteb disse: "Depois que as autoridades israelenses confiscaram milhares de dunams de terras palestinas, especialmente na Galiléia, que são de propriedade privada, a fim de tornar a área de maioria judaica, houve uma greve geral e marchas da Galiléia ao Negev, e os confrontos eclodiram e resultaram em seis de nosso povo martirizados, e muitos foram feridos e presos". Muhammad acrescentou: "o Dia da Terra para mim, como aprendemos, é um evento fundamental em nossa luta com a autoridade sobre a terra e em nosso relacionamento com o establishment israelense... Eles demolem nossas casas todos os dias com o pretexto de não haver uma licença. Como agora em Sheikh Jarrah e Jaffa e em todos os lugares, eles querem nos tirar de nossas casas por uma decisão dos tribunais injustos."

Nour Ehab Mahamid declarou: "Eu sei sobre o Dia da Terra que nosso povo palestino defendeu suas terras quando as autoridades quiseram ocupá-las após a Nakba, e houve confrontos em várias áreas, incluindo Umm al-Fahm". Nour afirmou também que "os jovens não tinham medo de confronto na época, e saíram apesar da polícia e do exército ameaçando-os de morte, mas eles não tinham medo de bombas ou balas, e resistiram ao esquema. E o Dia da Terra é uma memória que vamos lembrar depois que a luta registrou o sucesso." Ela continuou: "Estamos na véspera do Dia da Terra, e estamos lutando contra o crime e a polícia cúmplice depois que lutamos contra o confisco de terras. Mas a cena é a mesma em que vivemos, confrontando a polícia com suas bombas e balas." Nour enfatizou ao final de sua fala: "Não temos medo dessa ameaça porque nosso país tem o direito de lutar por isso."

Fátima Abdel Nasser disse: "O Dia da Terra tem o nome da terra. Eu costumava pensar que era uma memória da terra em geral, e não dedicada ao nosso povo palestino, mas com o passar do tempo entendi que O Dia da Terra é um dia de luta dedicado a nós."

Nour Ehab Mahamid e Fátima Abdel Nasser

Dia da Terra, 1976

Dia da Terra, Europa

Ao final, é preciso lembrar que a terra ainda é o cerne do conflito e o cerne da questão da nossa existência e do nosso futuro. Nossa sobrevivência e desenvolvimento estão ligados à terra, sua preservação e comunicação com ela. A questão da terra é a questão mais comum em que se misturam dimensões nacional e militante. A batalha pela terra ainda não acabou, mas continua até hoje. Podemos dizer que todos os dias palestinos são como o Dia da Terra. A política de confisco de terras, limpeza étnica, demolição de casas e construção de assentamentos continua até hoje, e vários esquemas estão tentando nos sufocar e restringir nosso desenvolvimento e unidade no futuro. O que estamos vivendo é uma realidade amarga e uma fase complexa em que abundam as tendências racistas que buscam deslegitimar nossa legitimidade política e a legitimidade de nossa existência, e não apenas confiscar nossa terra.

Quatro décadas e meia se passaram desde o histórico Dia da Terra, e os palestinos ainda se inspiram nos eventos do Dia da Terra como força para enfrentar a entidade sionista, e lembram a experiência de Tawfiq Ziad na luta e expressão da firmeza do povo palestino e seu desafio aos ocupantes e sua adesão à sua terra, e eles ainda estão cantando seu famoso poema **Aqui Ficamos** (em tradução livre) e o repetirão novamente no dia 30 de março.

Aqui ficamos...
Como se vinte impossíveis somos...
Em Al-Lid, Ar-Ramleh e a Galiléia...
Aqui... em seus peitos, ficando como uma parede...
Com fome ficamos... nus ... desafiamos...
Cantar poemas...
Encha a rua com manifestações furiosas...
E encha as prisões com orgulho...
Produza filhos... uma geração revoltante...
após geração...
Como se vinte impossíveis somos...
Aqui ficamos...
Protegendo a sombra dos figos e das oliveiras...
E semeamos ideias...
A frieza do gelo em nossos nervos...
E em nossos corações um fogo vermelho...
Se com sede pegamos pedras que apertamos...
Se com fome, pegamos terra, comemos... e nunca saímos...
Aqui temos um passado... um presente... e um futuro...

Aqui Ficamos, de Tawfiq Ziad

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Criando Novas Perspectivas

monitordooriente.com

/monitordooriente

@monitordoorient

@monitordooriente